



Os Fundamentos do Novo Instituto Hemisférico

Coronel Patrício Haro Ayerve, Exército Equatoriano

A ESCOLA das Américas do Exército dos EUA fechou suas portas no final do ano passado, após servir por mais de meio século à segurança das Américas, dando lugar a um novo instituto militar hemisférico que atenda às necessidades de cooperação militar continental pós-Guerra Fria e da unipolaridade.

Sem dúvida alguma, as posições sectárias de grupos e pessoas extremistas influíram na decisão do governo dos Estados Unidos em realizar tal transformação necessária; e certamente, por trás dessas posições carentes de lógica e verdade existe uma sombra discriminatória e racial.

Durante os anos de lutas armadas ocorridas nas Américas do Sul e Central, a fim de impor pela força uma doutrina totalitária, antidemocrática e contra as liberdades, as forças armadas de todos os países do continente receberam apoio dos Estados Unidos, por meio de ajuda militar, para enfrentar esse totalitarismo. Durante essa época, milhares de soldados de todos os países receberam adestramento na Escola das Américas para combater essa ameaça que desintegrou-se com a queda do Muro de Berlim.

Nessa guerra fratricida houve excessos como em todas as guerras da história da humanidade. Desses, alguns foram cometidos por soldados adestrados nessa Escola, mas de forma alguma pode-se afirmar que a Escola das Américas os preparava para cometerem atrocidades. Essa versão errônea foi refutada pelos argumentos apresentados nas inspeções de todo tipo e do

mais alto nível a que foi submetida a Escola. Todas aprovaram o adestramento profissional oferecido pelo Instituto.

No início da década de noventa e de acordo com a nova realidade mundial, a Escola das Américas revisou a inclinação acadêmica de todos os cursos, passando a incrementar a sua atividade por meio de cursos sobre direitos humanos, relações cívico-militares e sustentação democrática.

Embora essa diretriz tenha minimizado a importância dos argumentos apresentados pelos grupos extremistas oponentes à Escola, o ódio, o racismo, a discriminação e os obscuros interesses ainda se encontravam presentes. Esses grupos continuavam empregando os mesmos argumentos apesar das relações cívico-militares terem melhorado ostensivamente em todos os países latino-americanos, das violações aos direitos humanos terem decrescido e do conceito do público sobre as instituições armadas serem favoráveis. No Equador, por exemplo, as Forças Armadas foram consideradas, por muitos anos, como a instituição mais respeitável e de maior credibilidade do país, mesmo acima da própria igreja.

No limiar do novo século, quando a realidade geopolítica e as ameaças à segurança dos povos e das nações são diferentes, a Escola das Américas cedeu lugar para o estabelecimento de um novo instituto de cooperação hemisférica que se ajuste às realidades contemporâneas e que acompanhe a evolução do mundo, segundo as exigências do novo milênio.

No limiar do novo século, quando a realidade geopolítica e as ameaças à segurança dos povos e das nações são diferentes, a Escola das Américas cedeu lugar para o estabelecimento de um novo instituto de cooperação hemisférica que se ajuste às realidades contemporâneas e que acompanhe a evolução do mundo, segundo as exigências do novo milênio.

Ao ceder o lugar alcançado em mais de meio século de trabalho profissional em benefício da segurança americana, a Escola das Américas deixa um firme alicerce para o estabelecimento do novo instituto, como por exemplo: a contribuição para a formação profissional das instituições armadas das Américas, a garantia de conceitos democráticos para seus membros, o adestramento para busca da paz e o respeito aos direitos humanos.

O papel dos exércitos não será diferente no novo século. A segurança será sempre uma responsabilidade do Estado exercida por meio da força federal. Portanto, é necessário um extenso desenvolvimento profissional dos seus membros para cumprirem essas tarefas que devem sempre estar integradas dentro das leis internacionais e do respeito aos direitos humanos dos atores em conflito.

O desenvolvimento profissional propiciado pela Escola das Américas, e que agora fica como legado, é realizado por meio do Curso de Estado-Maior, no qual participam elementos das Forças Armadas dos EUA e dos países latino-americanos, e do Curso Avançado para Oficiais no qual participam os latino-americanos. Nos dois cursos apresenta-se a doutrina militar norte-americana; nela jamais são encontrados conceitos que não sejam adaptados aos mandatos legais dos EUA e aprovados pelo povo norte-americano. Assim sendo, os grupos opositores, acusavam o próprio Exército da nação norte-americana de empregar e difundir uma doutrina inadequada às necessidades do povo.

Dessa maneira, os cursos para o aperfeiçoamento profissional oferecidos na Escola constituíam uma base sólida na qual está sendo assentado o novo instituto.

Os conceitos ensinados na Escola das Américas sobre uma autêntica democracia participativa e sobre a subordinação incondicional das Forças Armadas ao poder civil legitimamente constituído, geraram argumentos fundamentais que permitem dizer que o sustentamento democrático é um convencimento patriótico das forças armadas latino-americanas. Isso já foi demonstrado em vários países nos quais o sistema se viu ameaçado por grupos minoritários.

A imposição ou a manutenção da paz não é um novo papel auto-atribuído pelas Forças Armadas. Sendo sua gênese na organização social elas têm sido utilizadas como instrumentos de paz, para impô-la onde tenha sido quebrada ou para mantê-la onde haja sido ameaçada, ainda que para isso seja necessário acionar a máquina bélica. Uma comprovação disso é que quando o fenômeno da guerra assolou apocalipticamente a face da terra, as forças armadas, arriscando a vida de seus soldados, construíram períodos de paz.

Hoje, sob este conceito, a Escola fundamentou sua base com os cursos de operações de manutenção e imposição da paz.

A Escola das Américas ensinava que todas as tarefas que as Forças Armadas cumprissem fossem sujeitas e se desenvolvessem dentro dos parâmetros da legalidade e do respeito aos direitos humanos de seus adversários, porque acreditamos que eles, antes de serem terroristas, narcotraficantes ou inimigos dos povos, são pessoas que têm direitos elementares que devem ser respeitados. Os meios de comunicação proporcionam ao mundo a oportunidade de observar que nas regiões latino-americanas onde estão ocorrendo conflitos armados, as forças legais — das quais muitos soldados foram instruídos na Escola das Américas — são absolutamente respeitadas aos direitos humanos dos guerrilheiros, terroristas e narcotraficantes, contra os quais lutam para o bem da humanidade.

Esses quatro elementos que constituem as bases sólidas nas quais está sendo assentado o novo instituto de cooperação militar hemisférica foram construídos pela Escola das Américas durante o seu frutífero trabalho de mais de meio século em favor da paz, da segurança e da democracia do nosso continente. **MR**

O Coronel do Exército equatoriano Patricio Haro Ayerve, serve nas Forças Armadas do Equador desde os 14 anos. Alcançou a hierarquia que hoje ostenta cumprindo todos os requisitos legais exigidos. Sua carreira militar foi dividida entre as atividades acadêmicas como professor em todas as escolas militares do seu Exército e as unidades de Forças Especiais. Foi instrutor convidado na Escola das Américas em 1993-94. Sua formação liberal inclui bacharelado em Administração e Ciências Militares e mestrado em Sociologia Política. É autor do livro "A Influência do Poder Militar na História do Equador".



Entrevista do Coronel Patrício Haro Ayerve Vice-Diretor da Escola das Américas

Tenente-Coronel Héctor J. Acosta, Exército dos EUA

Nos encontramos em um momento histórico para a Escola das Américas, pois, em breve, fechará suas portas. Na posição de Vice-Diretor desta Instituição, o senhor possui profundos conhecimentos sobre esse estabelecimento de ensino. Gostaríamos de saber quais eram os seus conhecimentos sobre a Escola antes de assumir o seu cargo?

Desde o início da minha carreira e quando ainda era cadete da Escola Militar Eloy Alfaro do Exército Equatoriano, no ano de 1970, ouvia o nome da Escola das Américas. Ela era sinônimo de capacidade profissional, adestramento rigoroso, desenvolvimento dos valores profissionais e pessoais e intercâmbio de idéias, cultura e conhecimento entre membros dos exércitos da América Latina e dos Estados Unidos.

Ao longo da minha carreira militar observei que a aspiração de qualquer soldado equatoriano era ter a oportunidade de ser aluno da Escola das Américas, e viver as extraordinárias experiências por ela oferecidas.

Em 1993, após concluir os rigorosos estudos do curso de Estado-Maior na Academia de Guerra do meu Exército, e me formar com honra, fui escolhido para representar meu país como instrutor convidado neste instituto militar Pan-Americano. A experiência pessoal e familiar foi extraordinária. Aqui conheci de perto e profundamente o grande valor da Escola das Américas e a imensa

contribuição que ela oferece à paz, à democracia e à segurança do continente.

Quais são suas principais responsabilidades neste cargo?

A maior responsabilidade do Vice-Diretor é coordenar os trabalhos da Junta Assessora Latino-Americana. O corpo docente é formado por instrutores convidados dos países representados na Escola das Américas, rigorosamente selecionados pelas suas qualidades pessoais e profissionais. É um estado-maior internacional que assessora o diretor em assuntos concernentes à América Latina. Administrar esta junta, além de ser uma honra é uma grande responsabilidade porque deve-se estar a altura dos membros que a compõem.

Os exércitos da independência tiveram estados-maiores multinacionais e foram dirigidos por soldados da liberdade; hoje, a honra de coordenar um Estado-Maior Latino-Americano cabe ao Vice-Diretor da Escola das Américas.

Mas esta é uma experiência que poucos terão. A grande maioria dos oficiais que passam pelas aulas deste instituto são alunos. Sem dúvida eles também se beneficiam das experiências enriquecedoras que vivem aqui na Escola das Américas e no Forte Benning. Na sua opinião, qual é o maior benefício que os alunos adquirem neste estabelecimento de ensino?

A maior riqueza da Escola das Américas é a oportunidade que proporciona aos soldados de todas as regiões deste continente para se conhecerem, trocarem experiências, conhecerem culturas e idiossincrasias diferentes e delas aprenderem, fazerem amizades entre os futuros líderes militares das Américas, criando um ambiente de confiança regional extraordinário, identificando-se com os mesmos ideais e com os mesmos interesses profissionais. Proporciona também, uma oportunidade às famílias, esposa e filhos, dos alunos e instrutores convidados para que se relacionem num fraternal clima americano. Na Escola das Américas o ambiente existente é de autêntica integração americana; integração necessária para o bem estar de nossos países e o progresso de seus povos. A Escola das Américas desenvolve, por conseguinte, atitudes pioneiras e permite dar passos firmes para uma autêntica integração, já que as amizades que nascem neste instituto hemisférico são verdadeiras e duradouras.

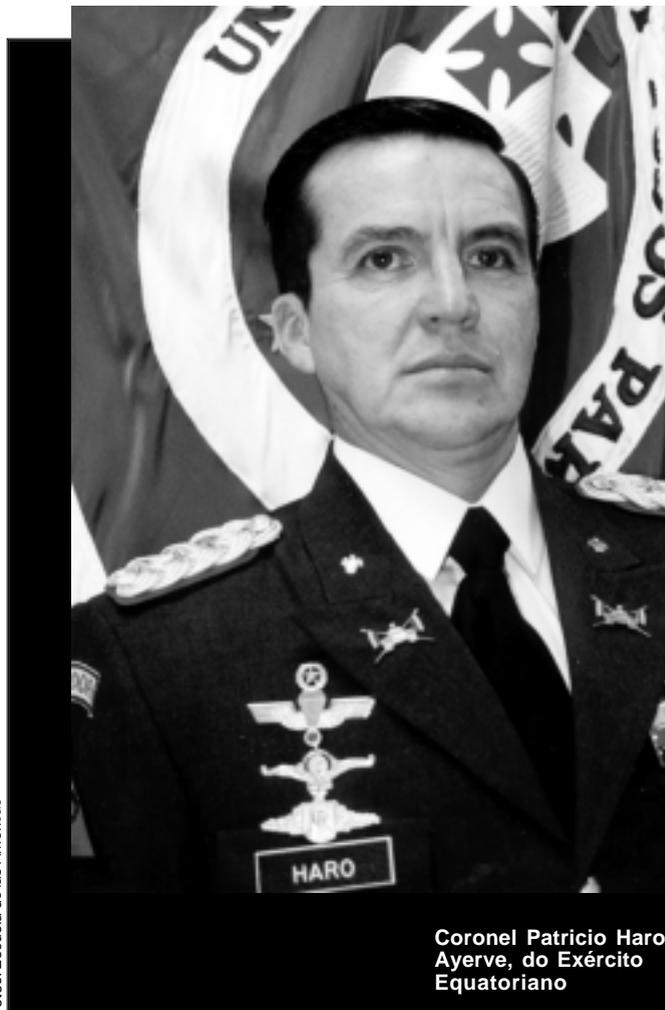
Também é de grande importância à unidade de doutrina militar, levando-se em consideração a contribuição que as Forças Armadas estão fazendo à segurança dos povos e à paz mundial. E nos casos de desastres naturais onde são empregadas forças multinacionais, deve-se destacar a capacidade das FA latino-americanas de adaptarem-se ao emprego de uma doutrina comum. A Escola das Américas difunde a doutrina militar norte-americana para todos os países do continente, para que seja empregada por suas armas e serviços, em qualquer situação, de acordo com as leis da guerra e o respeito aos direitos humanos de seus adversários.

Este será o legado da Escola das Américas ao novo instituto. O seu espírito de cooperação, amizade e integração também estará presente oferecendo a oportunidade para desenvolver um ambiente de cooperação hemisférica.

Como evoluiu sua própria percepção da Escola durante a sua estada aqui?

Minha experiência anterior na escola ocorreu nos primeiros anos da unipolaridade; a Guerra Fria havia acabado quatro anos antes da minha participação como instrutor convidado. A estrutura orgânica da Escola das Américas, assim como a doutrina que ela ensinava, que era a doutrina do Exército dos EUA, obedeciam a princípios e eram regidas por conceitos empregados segundo a estratégia de contenção.

Hoje, a organização da Escola e sua metodologia acompanham a evolução que sofreu a doutrina militar norte-americana. Os conceitos estratégicos de projeção de



Fotos: Escola das Américas

Coronel Patricio Haro Ayerve, do Exército Equatoriano

força, assim como os que regem os das operações de estabilidade e apoio dão à Escola das Américas a tônica de uma instituição moderna que enfrenta aos desafios do século XXI.

Como consegue a Escola das Américas preparar os alunos para enfrentar às ameaças que podem surgir no novo século?

As ameaças estão perfeitamente identificadas e a Escola das Américas prepara seus alunos para enfrentá-las por meio de cursos para combater o narcotráfico, de operações de paz, de auxílio em casos de desastres naturais, de operações cívico-militares e de sustentação democrática.

Vinte por cento do total da carga horária de todos os cursos oferecidos na escola correspondem à instrução sobre direitos humanos. Essa proporção tende a limitar ao máximo os excessos que possam ocorrer no fragor da luta no campo de batalha.

Seguindo esta ordem de idéias, acredito que o êxito da Instituição se reflete no trabalho de seus graduados. Neste sentido, seria interessante saber qual foi a trajetória profissional de seus conterrâneos graduados por este Estabelecimento de Ensino?

Os militares equatorianos que foram designados pelas suas instituições para estudarem na Escola das Américas, da mesma forma como os estudantes dos demais países, são selecionados por sua grande capacidade profissional e moral. Após findar o curso na Escola das Américas, os alunos têm retornado ao país com conceitos mais amplos, com uma visão e um espírito diferente, contribuindo com estas características à segurança e ao desenvolvimento do povo.

Muitos dos oficiais equatorianos graduados da Escola das Américas desempenharam importantes funções militares, comandaram unidades que foram empregadas sob a política de apoio ao desenvolvimento, plenamente identificados com o nosso povo. Oficiais-generais que serviram na Escola das Américas contribuíram enormemente com seus arraigados conceitos democráticos à solução das crises políticas que ameaçaram a vigência do sistema em 1997 e nos primeiros dias deste ano.

Ao seu ver, quão grande foi o impacto da Escola das Américas nas instituições militares da América Latina?

A Escola das Américas tem tido uma grande influência nas instituições militares latino-americanas. A técnica como é empregada a doutrina militar do Exército dos EUA deu às nossas FA características de organizações profissionais a serviço do povo. O respeito pelos direitos humanos, em consequência do conhecimento e da doutrina ministrados a todos os membros das forças armadas latino-americanas, sem exceção, é uma contribuição substancial que a Escola das Américas tem feito para essas instituições militares.

Em todos os países das Américas Central e do Sul as relações cívico-militares melhoraram ostensivamente depois da Guerra Fria. Esse resultado deve-se também à grande contribuição que a Escola das Américas vem re-



A Escola das Américas tem tido uma grande influência nas instituições militares latino-americanas. A técnica como é empregada a doutrina militar do Exército dos EUA deu às nossas FA características de organizações profissionais a serviço do povo. O respeito pelos direitos humanos, em consequência do conhecimento e da doutrina ministrados a todos os membros das forças armadas latino-americanas, sem exceção, é uma contribuição substancial que a Escola das Américas tem feito para essas instituições militares.

alizando neste campo, através de seus cursos, para todas as organizações militares da região.

A interiorização que hoje existe nas Forças Armadas Latino-Americanas sobre os conceitos de uma autêntica democracia participativa e a sua subordinação ao poder civil legitimamente constituído é uma contribuição, que em conjunto com as anteriores, causaram um grande impacto na evolução positiva dessas forças.

Entendemos que a nova escola não será a mesma, mas sim um instituto totalmente diferente, com uma nova missão e um plano de estudos elaborado, a fim de preparar os alunos para encarar os desafios de um mundo diferente. Existe, no seu país, a impressão de que tudo o que foi dito antes não é mais do que propaganda disseminada com o objetivo de ocultar o fato de que na realidade a escola segue sendo a mesma? Como pode-se justificar tal opinião?

A percepção que existe no meu país é que a realidade geopolítica do século XXI é diferente em todo o mundo. O final da Guerra Fria deu origem ao caminho da unipolaridade, desapareceram as ameaças anteriores e surgiram novas ameaças, portanto é necessário que a cooperação hemisférica para a segurança dos povos seja reorientada na mesma proporção em que o mundo está evoluindo.

A Escola das Américas foi criada pelos Estados Unidos para, dentro dos parâmetros da cooperação internacional, atender às necessidades dos países da região ameaçados pela expansão de uma doutrina que atentava contra a liberdade. Essa ameaça desapareceu. Atualmente, é indispensável a existência de um instituto que atenda as necessidades emergentes. A imposição ou a manutenção da paz no mundo é uma obrigação das forças armadas; o auxílio às populações atingidas pelos desastres naturais é uma obrigação das forças armadas; a luta contra as ameaças que se

converteram em um açoite para a humanidade é uma obrigação das forças armadas. Portanto, é indiscutível a necessidade de acompanhar a evolução pela qual passou o mundo e a realidade geopolítica atual. A Escola das Américas ciente dessas mudanças, fecha as suas portas e guarda a sua extraordinária contribuição, cedendo lugar à criação de um novo instituto militar cooperativo compatível com as realidades do século XXI.

A decisão de fechar a escola e substituí-la por outra foi tomada nos mais altos níveis políticos e militares. Se o senhor pudesse influir nessa decisão, qual seria a sua contribuição? Segundo a sua opinião, convém ou não

fechar a Escola das Américas e instaurar outro instituto em seu lugar?

A necessidade de que um instituto militar hemisférico, com todas as características que este deve ter, acompanhe as grandes mudanças que estão acontecendo no mundo obriga a Escola das Américas a fechar suas portas, mas é necessário que o novo instituto mantenha viva a riqueza da antiga escola, a cooperação internacional,

a confraternidade entre os soldados das Américas, a amizade entre homens uniformizados de diferentes regiões e o ambiente de confiança e cooperação, características que devem ser imprimidas no nascimento do novo instituto.

Baseado na sua experiência na Escola das Américas, quais são as características e os antecedentes que deve ter aquele que aspire ser convidado para vice-diretor do novo instituto?

O vice-diretor do novo instituto militar hemisférico deve ser um oficial superior, no posto de coronel,

pertencente a um exército da América Latina. Por decisão do meu Exército, terei a honra de ser o último vice-diretor da Escola das Américas e a sorte de ser o primeiro do novo instituto. Procurarei abrir caminho para os meus sucessores da melhor forma possível. Eles deverão possuir um grande espírito americanista, estar convencidos plenamente da democracia participativa como o melhor sistema de governo para alcançar o bem-estar e o desenvolvimento dos povos e de que as atividades militares levadas à cabo para enfrentar as ameaças que se apresentam devam estar dentro dos parâmetros da legalidade e do respeito aos direitos fundamentais das pessoas. MR

O Coronel do Exército equatoriano Patricio Haro Ayerve, serve nas Forças Armadas do Equador desde os 14 anos. Alcançou a hierarquia que hoje ostenta cumprindo todos os requisitos legais exigidos. Sua carreira militar foi repartida entre as atividades acadêmicas como professor em todas as escolas militares do seu Exército e as unidades de forças especiais. Foi instrutor convidado na Escola das Américas em 1993-94. Sua formação liberal inclui bacharelado em Administração e Ciências Militares e mestrado em Sociologia Política. É autor do livro A Influência do Poder Militar na História do Equador.